RECORDAR

RELACIONAR Crítica

Na literatura, observa-se, frequentemente, um diálogo entre o texto, a sociedade e a cultura da época de produção da obra, que permite expor situações ou comportamentos considerados negativos. A crítica social evidencia a estreita relação entre o texto literário e as suas intenções, por um lado, e a época de criação (ou a época recriada) e o contexto social, político, moral e cultural, mobilizado direta ou indiretamente pela obra, por outro.

A crítica pode associar-se, ainda, à ironia ou à sátira (através da qual se ridiculariza a situação visada) ou mesmo à metáfora ou à alegoria. De uma forma global, a abordagem crítica da realidade numa dada obra/texto visa não só a denúncia como também a mudança social – procura-se, muitas vezes, corrigir a ação da sociedade, pelo que a obra se investe de uma função pedagógica e edificante.

Poesia trovadoresca: cantigas de escárnio e maldizer

Estas composições abordam satiricamente uma grande variedade de temas e de situações individuais e coletivas, refletindo sobretudo a vida quotidiana da corte e o seu ambiente social, político, moral e cultural. Entre elas, encontramos a crítica a aspetos como:

VER TEXTOS
- o **amor cortês**[1]: a paródia das cantigas de amor denuncia a convencionalidade dos sentimentos e os traços estereotipados da "senhor";

VER TEXTOS
- os **costumes**: sátira de aspetos relacionados com a realidade social da época: decadência da nobreza[2], conflitos entre o jogral e o trovador, relacionados sobretudo com a falta de dotes poéticos ou artísticos[3] do jogral, ou a pelintrice de alguma fidalguia[4];
- **factos políticos** e **militares** ou aspetos relacionados com a moralidade ou com agentes religiosos (frades, freiras, ...), entre muitos outros temas.

***Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente**

Tendo como pano de fundo a sociedade do séc. XVI, a crítica assenta sobretudo em personagens-tipo que representam classes sociais, profissionais ou mesmo mentalidades. Expõem-se, com um intuito satírico, diferentes temas que colocam em evidência uma certa crise de valores característica da época:

VER TEXTOS
- o **desejo de ascensão social e sátira à conceção do casamento como forma de emancipação**[5]: Inês Pereira, uma moça solteira e sonhadora, ambiciona um casamento que lhe assegure a ascensão social e o contacto com um ambiente de cultura cortês;

VER TEXTOS
- a **pelintrice disfarçada de fidalguia** (*ser vs. parecer*)[6]: o Escudeiro, representante de uma pequena nobreza decadente que não pretende abdicar de uma determinada aparência social, exibe um discurso galante, por entre mentiras que dissimulam a sua condição social miserável;

VER TEXTOS
- o **materialismo**[7]: a denúncia da valorização excessiva do dinheiro é associada aos casamenteiros, a alcoviteira Lianor Vaz e os judeus, que encaram o casamento como uma encomenda que implicará uma compensação material em troca dos seus serviços, que não serão necessariamente honestos;

VER TEXTOS
- a **subversão dos valores morais**[8]: as situações associadas aos membros do clero na *Farsa* evidenciam a dissolução de costumes e a imoralidade clerical.

***Os Lusíadas*, de Luís de Camões**

O plano das reflexões do poeta está marcado por considerações didáticas e críticas relacionadas com a época da escrita. Nestes momentos, a voz do poeta ergue-se para denunciar e apontar vícios e desvios que afastam a pátria e os portugueses do caminho da glória, o que o leva a deixar críticas e conselhos aos seus contemporâneos. Neste âmbito, destacam-se as críticas relacionadas com

VER TEXTOS
- o **desprezo pela cultura e pela literatura**[9];

VER TEXTOS
- a **corrupção pelo dinheiro**[10]: as suas consequências negativas ficam evidentes em atitudes de tirania, de traição ou de mentira e implicam todas as classes sociais, inclusive o próprio clero.

Sécs. XIII-XIV

Séc. XVI

Séc. XVII

Séc. XIX

Sermão de Santo António, de Padre António Vieira

Produzido no séc. XVII, numa época de instabilidade política e económica, na qual o problema dos direitos dos índios do Brasil, explorados pelos colonos brancos, se colocava com grande acutilância, o sermão de Vieira visa todos os estratos da sociedade, denunciando, por meio de uma elaborada alegoria, vícios humanos ligados à corrupção e à exploração. Não perdendo de vista os objetivos da eloquência, a crítica consubstancia-se no *docere*, pelo seu cariz moralizador, e no *movere*, pela exortação à mudança que a denúncia implica. A crítica social processa-se por meio da exploração das características de espécies de peixes particulares que funcionam como alegoria de determinadas formas de agir em sociedade, associadas a diferentes tipos de colonos. Colocam-se em evidência os seguintes vícios:

VER TEXTOS
- a **ictiofagia**[11]: exploração dos pequenos pelos poderosos, em diferentes planos sociais;

VER TEXTO
- a **arrogância** e a **prepotência**[12]: vícios associados ao peixe roncador, que ilustra o tipo humano que procura um poder e um saber que, na realidade, não possui;

VER TEXTO
- o **parasitismo social** e o **oportunismo**[13]: vícios explicitados pelo peixe pegador, que caracteriza aqueles que vivem à custa da exploração de outros, associando-se a (dependendo) quem tem mais poder;

VER TEXTO
- a **ambição** e a **vaidade**[14]: vício ilustrado pelo peixe voador, que representa o tipo de homem que deseja ter mais do que aquilo que lhe é característico, ambicionando sempre ser melhor do que os outros;

VER TEXTO
- a **traição**[15]: vício representado pelo polvo, que surge associado também a defeitos como a dissimulação ou a hipocrisia, que se manifestam nas relações com o outro e que servem os seus intuitos destruidores.

Os Maias, de Eça de Queirós

O subtítulo da obra, *Episódios da vida romântica*, agrega um conjunto de episódios que denunciam a decadência da sociedade lisboeta da segunda metade do séc. XIX. Por meio da ironia, o narrador apresenta tipos sociais, representativos da vida política, social e cultural, que ilustram determinadas mentalidades, conceções políticas e costumes que importa criticar:

VER TEXTOS
- a **literatura**[16]: criticam-se os vícios e as consequências dos excessos líricos do Ultrarromantismo (representado por Tomás de Alencar), responsáveis pela deformação do caráter, mas também se rejeita o Naturalismo quando associado ao excesso de cientificismo na literatura (João da Ega, no jantar do Hotel Central, como defensor do Naturalismo);

VER TEXTO
- as **finanças**[17]: denuncia-se a débil situação financeira do país, que vive de empréstimos do estrangeiro;

VER TEXTO
- o **provincianismo da capital**[18]: diversos episódios expõem o cosmopolitismo postiço da sociedade portuguesa, que pretende imitar o "chic" do estrangeiro, e a sua falta de civismo (cf. o episódio da corrida de cavalos);

VER TEXTO
- a **imprensa**[19]: o baixo nível e a parcialidade caracterizam um jornalismo incompetente e venal (ver episódios do jornal *A Tarde* e da *Corneta do Diabo*);

VER TEXTO
- a **ignorância** e a **mediocridade da classe dirigente**[20]: em diversos episódios, é possível constatar a superficialidade das conversas, a incapacidade de diálogo, a falta de cultura, o passadismo e a incapacidade de análise e reflexão;

VER TEXTOS
- a **educação tradicional como deformadora de carateres**[21], as consequências negativas deste modelo educativo são evidenciadas por meio de personagens representativas de uma forma de pensar, de estar e de agir tanto em sociedade como individualmente.

Séc. XX

Poesia de Manuel Alegre

O poeta assume na sua poesia (sobretudo na produção anterior ao 25 de Abril) o perfil do poeta militante, interventivo, que tem como função primordial a denúncia de situações de cariz político-social que configuram a realidade de um país que importa expor e mudar. A poesia é vista como uma forma de intervenção social através da denúncia e do protesto expressos pelo recurso à simbologia das palavras. Os principais temas abordados resultam do contexto histórico-político do Estado Novo que o poeta recusa e contra o qual se insurge por meio da palavra poética:

VER TEXTO ▪ **poder totalitário e opressivo**[22]

VER TEXTO ▪ **Guerra Colonial e suas consequências**[23]

VER TEXTO ▪ **falta de liberdade**[24]

VER TEXTO ▪ **ação da PIDE**[25]

VER TEXTO ▪ **censura**[26]

***O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago**

Centrando a ação do romance entre 1935-36, o narrador procede a um regresso ao passado histórico mesclado com acontecimentos ficcionais, o que constitui uma estratégia que permite repensar criticamente a visão oficial da História do início do século XX, enfatizando a voz dos excluídos, dos silenciados. É através da ironia que se procede à denúncia e à desconstrução de diferentes domínios de ação do Estado Novo em Portugal e dos regimes ditatoriais um pouco por toda a Europa, sendo de destacar aspetos como:

▪ **a ação repressiva do Estado**: aspeto denunciado em diversas dimensões que emanam de uma vigilância estrita de todos os segmentos da sociedade por parte dos agentes do Estado e levada a cabo por meio

VER TEXTOS – da **manipulação** da **imprensa**, que surge como um veículo fundamental de divulgação do sistema de valores do poder instituído; por diversas ocasiões, o narrador denuncia a visão comprometida dos factos históricos e o discurso populista por parte dos jornais, que não se apresentam como um intermediário neutro, mas moldado por razões ideológicas[27, 28, 29];

VER TEXTO – da ação da **censura**[30];

VER TEXTO – do controlo da **Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE)**[31];

VER TEXTOS – do **aniquilamento** de qualquer voz ou ação contrária ao poder[32];

VER TEXTOS ▪ a **situação política da Europa**[33]: são perspetivados criticamente os acontecimentos políticos e militares ocorridos na época, que anunciam quer a ascensão das ditaduras quer a II Guerra Mundial; entre eles destacam-se a Guerra Civil espanhola, a Frente Popular francesa, a expansão nazi na Alemanha, a ascensão de Mussolini na Itália e a guerra da Etiópia.

FARSA DE INÊS PEREIRA, DE GIL VICENTE

- A **pelintrice disfarçada de fidalguia** (*ser vs. parecer*) – **parasitismo**

(6a) A **apresentação do Escudeiro coloca**, desde logo, **em evidência a oposição entre o *ser* e o *parecer***, pois as suas mentiras e falsidades vão sendo denunciadas pelo Moço, o que mostra que o Escudeiro exibe uma aparência construída para impressionar:

Escudeiro Antes que mais diga agora,
Deus vos salve, fresca rosa,
e vos dê por minha esposa,
por mulher e por senhora.
Que bem vejo
nesse ar, nesse despejo,
mui graciosa donzela,
que vós sois, minha alma, aquela
que eu busco e que desejo.
[…]
Escudeiro A viola.
Moço (Oh como ficará tola,
se não fosse casar ante
c'o mais çáfio[1] bargante
que coma pão e cebola!)
Ei-la aqui bem temperada,
não tendes que temperar.
Escudeiro
Faria bem de ta quebrar
na cabeça, bem migada!
Moço E se ela é emprestada,
quem na havia de pagar?
Meu amo, eu quero-m'ir.
[…]
Escudeiro Não dormes tu que te farte?
Moço No chão, e o telhado por manta...
E çarra-se-m'a garganta
com fome.

(6b) A forma tirânica e violenta como trata Inês logo após o casamento mostra claramente que a pertença a uma dada classe social não é garante de nobreza de caráter, o que contribui para uma visão satírica desta fidalguia pelintra:

Escudeiro Se vos eu vejo cantar,
eu vos farei assoviar…
[…]
Vós buscastes descrição,
que culpa vos tenho eu?
Pode ser maior aviso,
maior descrição e siso
que guardar eu meu tisouro?
Não sois vós, mulher, meu ouro?
Que mal faço em guardar isso?

(6c) A intencionalidade satírica associada ao Escudeiro fica também presente na sua morte irónica às mãos de um pastor.

Moço «[…] Sabei que indo
vosso marido fugindo
da batalha pera a vila,
a mea légua de Arzila,
o matou um mouro pastor».
[…]
Inês o diabo me arrebente!
Pera mim era valente,
e matou-o um mouro só!

António José Saraiva (apresentação e leitura), *Teatro de Gil Vicente*, Lisboa, Dinalivro, ed. revista, 1988.

[1] rude; bronco; vadio.

Voltar <

"SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO", DE PADRE ANTÓNIO VIEIRA

- O **parasitismo social** e o **oportunismo**

(13) O **orador critica este vício nos portugueses**, esclarecendo que os peixes o terão aprendido com este povo. O **parasitismo** e o **oportunismo** podem levar a um grau de dependência tal, que ao pegador sucede tudo o que ao maior vier a suceder:

[…] Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se passou, e pegou de um elemento a outro, sem dúvida que o aprenderam os peixes do alto depois que os nossos Portugueses o navegaram; porque não parte Vizo-Rei, ou Governador para as Conquistas[1], que não vá rodeado de **Pegadores**, os quais se arrimam a eles, para que cá lhes matem a fome, de que lá não tinham remédio. Os menos ignorantes, desenganados da experiência, despegam-se, e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados à mercê, e fortuna dos maiores, vem-lhes a suceder no fim o que aos Pegadores do mar.

Padre António Vieira, *Obra completa* (dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate), tomo II, vol. X, Lisboa, Círculo de Leitores, 2014, cap. V.

[1] expedições marítimas.

Voltar <

OS MAIAS, DE EÇA DE QUEIRÓS

- **A imprensa**

([19]) No episódio do jornal *A Tarde*, ficam bem claras as motivações que conduzem à decisão de publicação de determinados artigos em detrimento de outros. **As opções jornalísticas evidenciam compadrio político, parcialidade e superficialidade**:

– Irra, que me assustaste! Olha agora neste momento, com estas coisas de Ministério, uma carta dessas escrita pelo Guedes... Se é o Salcede, bem, acabou-se! Espera lá... Não é um gordalhufo, um janota que tem uma propriedade em Sintra? Isso! Um maganão que nos entalou na eleição passada, fez gastar ao Silvério mais de trezentos mil reis... Perfeitamente, às ordens... Ó Pereirinha, olhe aqui o sr. Ega. Tem aí uma carta para sair amanhã, na primeira página, tipo largo...

O sr. Pereirinha lembrou o artigo do sr. Vieira da Costa sobre a reforma das pautas.

– Vai depois! – gritou o Neves. – As questões de honra antes de tudo!

Eça de Queiroz, *Os Maias: episódios da vida romântica*
(fixação de texto Helena Cidade Moura), Lisboa, Livros do Brasil, 28.ª ed.

Voltar
<

O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS, DE JOSÉ SARAMAGO

- **A ação repressiva do Estado – a manipulação da imprensa:**

([27a]) Os **jornais passam uma imagem idealizada do país**, **contribuindo para a manipulação dos portugueses, que se deixavam controlar pela visão propagandística de enaltecimento do sistema e das suas virtudes**. O narrador aproveita as leituras ingénuas de Ricardo Reis para guiar os leitores, por intermédio dos seus comentários críticos, na compreensão da manipulação levada a cabo:

[…] escrevem os jornais, em estilo de tetralogia, que, sobre a derrocada dos grandes Estados, o português, o nosso, afirmará a sua extraordinária força e a inteligência refletida dos homens que o dirigem. Virão a cair, portanto, e a palavra derrocada lá está a mostrar como e com que apocalíptico estrondo, essas hoje presunçosas nações que arrotam de poderosas, grande é o engano em que vivem, pois não tardará muito o dia, fasto sobre todos nos anais desta sobre todas pátria, em que os homens de Estado de além-fronteiras virão às lusas terras pedir opinião, ajuda, ilustração, mão de caridade, azeite para a candeia, aqui, aos fortíssimos homens portugueses, que portugueses governam, quais são eles, a partir do, próximo ministério que já nos gabinetes se prepara, à cabeça maximamente Oliveira Salazar, presidente do Conselho e ministro das Finanças, […] Dizem também os jornais, de cá, que uma grande parte do país tem colhido os melhores e mais abundantes frutos de uma administração e ordem pública modelares, […]

José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*, 21.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 2013, pp. 111-112.

([27b]) A mesma ideia é passada no decurso da conversa entre Ricardo Reis e Fernando Pessoa, quando este último afirma que **a imprensa passa uma imagem positiva do país porque "o vento sopra desse lado", dando a entender a manipulação de que esta é alvo**:

Mas olhe que a imprensa de cá também se derrete em louvações, pega-se num jornal e fica-se logo a saber que este povo português é o mais próspero e feliz da terra, ou está para muito breve, e que as outras nações só terão a ganhar se aprenderem connosco, O vento sopra desse lado, […]

José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*, 21.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 2013, p. 387.

O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS, DE JOSÉ SARAMAGO

- **A ação repressiva do Estado – a manipulação da imprensa (cont.):**

(27c) **Denuncia-se também o controlo da propaganda do regime até em jornais estrangeiros**, como estratégia de credibilização e de fortalecimento da ideologia em vigor:

> […] e se tal declaração for tomada como vitupério, uma vez que se trata de elogio em boca própria, leia-se aquele jornal de Genebra, Suíça, que longamente discorre, e em francês, o que maior autoridade lhe confere, sobre o ditador de Portugal, já sobredito, chamando-nos de afortunadíssimos por termos no poder um sábio.
>
> José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*, 21.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 2013, p. 112.

> […] mas, voltando ao Salazar, quem diz muito bem dele é a imprensa estrangeira, Ora, são artigos encomendados pela propaganda, pagos com o dinheiro do contribuinte, lembro-me de ouvir dizer, Mas olhe que a imprensa de cá também se derrete em louvações, pega-se num jornal e fica-se logo a saber que este povo português é o mais próspero e feliz da terra, ou está para muito breve, e que as outras nações só terão a ganhar se aprenderem connosco, […]
>
> José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*, 21.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 2013, p. 387.

O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS, DE JOSÉ SARAMAGO

- **A ação repressiva do Estado – a manipulação da imprensa (cont.):**

([28]) A **denúncia da manipulação da informação** levada a cabo pela própria imprensa **tem lugar**, por exemplo, **por meio do confronto entre Lídia e Ricardo Reis**, **quando aquela coloca em causa a posição de crença total na veracidade da informação presente no jornal** assumida pelo médico, que adota uma postura de alienação. **Esta breve conversa denota um conflito entre a voz oficial, veiculado pelo governo, e outras vozes, clandestinas, contestatárias da "verdade" oficial e não disponíveis para adotar uma posição de conformismo**, de que o narrador se distancia:

Como é que soube, Li no jornal, e também li, escrito por um senhor jornalista chamado Tomé Vieira, autor de livros, que os bolchevistas arrancaram os olhos a um padre já velho e depois regaram-no com gasolina e deitaram-lhe o fogo, Não acredito, Está no jornal, eu li, Não é do senhor doutor que eu duvido, o que o meu irmão diz é que não se deve fazer sempre fé no que os jornais escrevem, Eu não posso ir a Espanha ver o que se passa, tenho de acreditar que é verdade o que eles me dizem, um jornal não pode mentir, seria o maior pecado do mundo, O senhor doutor é uma pessoa instruída, eu sou quase uma analfabeta, mas uma coisa eu aprendi, é que as verdades são muitas e estão umas contra as outras, enquanto não lutarem não se saberá onde está a mentira, […]

José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*, 21.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 2013, pp. 545-546.

O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS, DE JOSÉ SARAMAGO

- **A ação repressiva do Estado – a manipulação da imprensa (cont.):**

([29]) A **denúncia da deturpação dos factos veiculada pelos jornais da época é também exposta pela própria voz do narrador**, que, apropriando-se ironicamente do discurso da imprensa, subverte o seu sentido, **mostrando uma verdade que se procurava ocultar**, nomeadamente a da **extrema pobreza do povo**, o **que contrasta com o fausto do bodo geral** que se mandou distribuir por todo o país, e a da associação da Igreja ao Estado, ajudando-o a controlar ideologicamente o povo:

Agora que veio o tempo da Páscoa, o governo mandou distribuir por todo o país bodo geral, assim reunindo a lembrança católica dos padecimentos e triunfos de Nosso Senhor às satisfações temporárias do estômago protestativo. Os pobrezinhos fazem bicha nem sempre paciente às portas das juntas de freguesia e das misericórdias, e já se fala que para os finais de maio se dará uma brilhante festa no campo do Jockey Club a favor dos sinistrados das inundações do Ribatejo, esses infelizes que andam de fundilhos molhados há tantos meses, formou-se a comissão patrocinadora com o que temos de melhor no high-life, senhoras e senhores que são ornamento da nossa melhor sociedade, podemos avaliar pelos nomes, qual deles o mais resplandecente em qualidades morais e bens de qualidade, Mayer Ulrich, Perestrello, Lavradio, Estarreja, Daun e Lorena, Infante da Câmara, Alto Mearim, Mousinho de Albuquerque, Roque de Pinho, Costa Macedo, Pina, Pombal, Seabra e Cunha, muita sorte vão ter os ribatejanos se conseguirem aguentar a fome até maio. No entanto, os governos, por supremos que sejam, como este, perfeitíssimo, sofrem de males da vista cansada, talvez da muita aplicação ao estudo, da pertinaz vigília e vigilância. É que, vivendo alto, só enxergam bem o que está longe, e não reparam como tantas vezes a salvação se encontra, por assim dizer, ao alcance da mão ou no anúncio do periódico, que é o caso presente, e se este não viram menos desculpa têm, porque até traz desenho, uma senhora deitada, de combinação e alcinhas, entremostrando um magnífico busto que talvez deva alguma coisa às manipulações de Madame Hélène Duroy, não obstante está um pouco pálida a deliciosa criatura, um nadinha clorótica, ainda assim não tanto que venha a ser fatal esta sua doença, tenhamos confiança no médico que está sentado à cabeceira, careca, de bigode e pera, e que lhe diz, respeitosamente repreensivo, Bem se vê que O não conhece, se O tivesse tomado não estava assim, e estende-lhe a insinuante salvação, um frasco de Bovril. Lesse governo com atenção suficiente os jornais sobre os quais todas as manhãs, tardes e madrugadas mandou passar zelosos olhares, peneirando outros conselhos e opiniões, e veria quão fácil é resolver o problema da fome portuguesa, tanto a aguda como a crónica, a solução está aqui, no Bovril, um frasco de Bovril a cada português, para as famílias numerosas o garrafão de cinco litros, prato único, alimento universal, pancresto remédio, se o tivéssemos tomado a tempo e horas não estávamos na pele e no osso, Dona Clotilde.

Ricardo Reis vai-se informando, toma nota destas receitas úteis, não é como o governo, que insiste em fatigar os olhos nas entrelinhas e nas adversativas, perdendo o certo pelo duvidoso. […]

José Saramago, *O ano da morte de Ricardo Reis*, 21.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 2013, pp. 363-365

Voltar
<